

O papel do livro didático no ensino da escrita

Gizele Mancuzo de Brito

Programa de Pós-graduação em Letras- Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Avenida Colombo, 5790- Maringá- Paraná- mancuzobrito@uol.com.br

Abstract. This work is constituted in the verification in the favorable conditions for dialogical activities in the classroom and adequate monitoring towards the writing process. The teacher's performance with regard to text production in the classroom had to be analyzed so that the above practical undertaking could be identified. Actually the teacher has a very significant role in the process of writing acquisition. In addition, the choice of the textbook, the teacher's working tool, is not only a source of her/his study but also a fundamental item that should be placed within the interactive process.

Key words: *writing; textbook; teacher; pupil.*

Resumo. Este trabalho constitui-se a partir da verificação das condições favoráveis para atividades dialógicas no espaço de sala de aula e também nas orientações adequadas ao exercício de elaboração da escrita. Para identificar tal empreendimento prático, foi necessário conhecer o desempenho do professor, no tocante à atividade de produção de texto em sala de aula, uma vez que ele exerce um papel muito significativo no processo de ensino da escrita, bem como seu instrumento de trabalho, o livro didático, o qual é fonte de seu estudo e um componente fundamental que precisa estar situado no processo de interação.

Palavras-chave: escrita; livro didático; professor; aluno.

A definição para o ensino da escrita não se limita à mera reprodução de tipologias, de idéias, de sentidos que, compartilhados em determinados números de linhas, tornam-se “textos” direcionados à avaliação do

professor. Evidentemente esta visão apresenta-se vaga, no tocante àquilo que se refere ao significado. Nessa perspectiva, para aprender a produzir texto, é necessário levar em consideração aspectos que vão além da aprendizagem com as letras, sílabas, palavras e frases; tais unidades podem ser assimiladas, se o texto for trabalhado como um todo. Assim, para que o escrever tenha existência de fato, é preciso que haja uma necessidade comunicativa real (BRASIL,1997).

O aspecto comunicacional entre o educando e o conhecimento fornece elementos para a construção da autenticidade e o incentivo à escrita como construção de significado. Tal fato desencadeia a possibilidade do indivíduo em manifestar-se com as mais variadas e singulares intenções inseridas num contexto de divulgações verbais constituídas através de intercâmbios sociais. Assim sendo, o processo de ensinar implica conceber a construção e não a transmissão do conhecimento em sala de aula, portanto, a forma como acontece a interação identifica a concepção que o professor tem da língua escrita e do processo de ensino. Tal característica retrata que a aprendizagem adquirida na escola precisa ser significativa para o aluno.

O livro didático (LD) é considerado uma ferramenta de apoio aos professores, mas, muitas vezes, o seu uso torna-se freqüente, quando os profissionais da educação defrontam-se com os seguintes aspectos: não têm tempo suficiente para elaborar suas aulas; não foram capacitados para realizar outro trabalho em sala; não têm interesse em procurar um material diversificado; o sistema não leva à construção diferenciada de aula. Então, acostumam-se com esse auxiliar pedagógico e ficam ligados às atividades, leituras e concepções inseridas num contexto pragmático de educação, dirigido pelo LD.

Acredita-se que, aos olhos do educador, o LD transmite uma certa segurança por julgar que estão ali as verdades ilustradas e escritas para a formação do cidadão. Porém, é incerta a eficácia desse material, já que os estudantes vêm apresentando grandes dificuldades em escrever. Meserani (1995, p.132) afirma que “textos veiculados em livros, mesmo quando não sejam didáticos, passam a ser lidos na escola como modelo de linguagem e de ideologia.” Para interpretar a causa da deficiência do ensino, é necessário compreender como acontece o processo de aprendizagem de língua escrita no material pedagógico.

Dessa forma, o trabalho compreende uma reflexão sobre o pensar exposto e legitimado do LD, no tocante à estabilidade de seu conteúdo no estudo de produção de texto, pois suas páginas alcançam um parâmetro clássico e oficial de ensino. Pretende-se entender, também, como esse material interfere na metodologia do educador e no processo dialógico entre seus alunos, o que contextualiza a prática em sala de aula.

Para tanto, toma-se como ponto de partida analisar o livro didático “Linguagem Nova”, organizado por Faraco & Moura, destinado às aulas de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª séries e através das observações demonstrar o foco da atenção que é a construção da escrita. A escolha do material pedagógico aconteceu pelo fato de ser o segundo mais empregado nas escolas do noroeste do Paraná, traz a categoria de duas estrelas em destaque na capa e assegura que está de acordo com os PCN, como também acompanha suplemento de atividades com Jornal, Rádio e Televisão e ainda traz o manual do professor no final de cada volume.

Uma característica inerente aos LD está na ideologia, a qual perpetua uma única verdade do saber. O conteúdo lá ancorado traz um caráter regrado, subjacente, para determinar o que deve ou não ser transmitido.

Desse modo, o autor se (de) limita a dar tão somente uma direção à forma e ao conhecimento selecionado para a organização do material pedagógico.

Geralmente o material didático vem acompanhado de inúmeros atrativos, que chamam a atenção do leitor, por exemplo, na sua forma exterior, com uma capa de estampa moderna e, até mesmo, na sua constituição com gravuras que impressionam o consumidor. Porém, é importante salientar que nem todo LD mantém argumento necessário para convencer seu público sobre a qualidade de “inéditas” teorias de aprendizagem e, quando isso ocorre, está predestinado ao insucesso, pois dificilmente serão adotados em escolas (CORACINI, 1999).

Carmagnani (1999, p.128) comenta sobre o padrão unânime do LD que atrai a preferência de seus usuários:

[...] os livros mais vendidos são os que trazem os roteiros mais detalhados para o professor, contendo as respostas corretas, material suplementar e sugestão de provas, tudo feito para ‘facilitar’ o trabalho em sala de aula, ou diminuir ‘possíveis’ falhas.

O enaltecimento do material adotado está no poder que transmite para o professor, deixando-o seguro em relação à exatidão incontestável do conteúdo, direcionando-o ao caminho ajustado à ética escolar.

Existe por parte do educador uma busca desenfreada para um método inovador de ensino, o qual alcance o conjunto de todas as qualidades com

a execução plena do saber, e dessa ansiedade dos profissionais da educação faz surgir diversificados livros aparentemente inusitados.

Entretanto, com relação ao teor das concepções e métodos vislumbra-se a conservação do ensino tradicional e a originalidade não passa da capa. Na esfera escolar, o saber está centrado no LD e o docente conseqüentemente o reproduz num sistema de conhecimento fechado. É considerado um material raso, vez que a liberdade de expressão é limitada e não se tem lugar para a criatividade.

Silva (1998) caracteriza o LD como “o mal necessário”, por exercer um certo domínio na prática escolar. Acredita que esse material tornou-se um suporte tão cultuado que o educador não consegue deslocar o olhar para uma outra direção que não seja aquela manipulada e conduzida pelo LD. Tanto a escola como o professor atribuem ao LD total confiança, transformando-o em autoridade maior e única de conhecimento veiculado em sala de aula. Sem se dar conta das necessidades do aluno, o professor constrói uma aprendizagem formatada às realidades idealizadas e existentes no LD, inclusive, em função de sua própria formação.

Mesmo sabendo das lacunas do LD na educação, os professores não o descartam, pois ele tem uma seqüência lógica a ser seguida e os alunos não ficam sem essa fonte de referência, e o mais importante: o material facilita o planejamento das aulas, uma vez que está pronto. A estratégia de aprendizagem na composição do LD parece tão perfeita e acabada que o professor acredita não precisar completá-lo.

Na organização do LD, a produção de texto geralmente é a última seção a ser trabalhada. É atribuída maior importância aos aspectos formais, e a escrita torna-se um exercício de repetição de estruturas e não um processo de construção da capacidade criativa. A proposta de produção de textos no LD, geralmente, apresenta-se vinculada aos textos da unidade, mas deve-se levar em conta que os textos inseridos nos LD, muitas vezes, vêm recortados, apresentados em fragmentos. Fica incoerente o fato de o LD cobrar do estudante um bom texto, tanto em sua estrutura como na organização, se o próprio material de estudo não apresenta um texto na íntegra.

Para caracterizar alguns acontecimentos concretos em relação às seqüências didáticas em sala de aula, é preciso identificar as seções comprometidas com o estudo de produção de texto nos LD, os quais foram submetidos à investigação.

Nessa perspectiva, o ponto de partida das atividades proposta é a segunda unidade do livro da 6ª série, servindo, assim, como modelo de como as demais unidades são e estão agregadas no material didático.

Foi selecionada para análise a unidade 4, que se refere à Redação situada na página 67 do LD. Há dois textos de jornais nesse capítulo: o primeiro diz respeito ao texto inicial intitulado *O carnaval e o menino*, retirado do jornal Folha de S. Paulo, do dia 24/2/98, de Carlos Heitor Cony; o segundo, que apresenta textos complementares, denomina-se *O carnaval dos que são da rua*, de Anabela Paiva, do Jornal do Brasil, publicado no dia 22/2/98, Caderno B. Há também duas letras de músicas: *Máscara Negra*, de Zé Kéti e Pereira Matos, e *A Banda*, de Chico Buarque de Holanda.

É construída uma teoria explanatória de ensino sobre a narrativa de fato real através do exemplo do texto de Anabela Paiva, o qual se baseia em dados atuais, diferentemente de uma narrativa de ficção. Pode-se perceber, logo a princípio, que o estudo ampara-se nessa tipologia.

Narrativa de fato real

O texto “O carnaval dos que são da rua” baseia-se em fatos reais. Como a jornalista conta como foi o carnaval de alguns meninos de rua, não houve invenção de fatos, o que só acontece numa narrativa de ficção.

Façam em grupo, uma pesquisa sobre o carnaval na sua cidade ou no seu bairro. Entrevistem pessoas, procurem nos arquivos do jornal da região fotos e reportagens sobre carnavais mais antigos, lembrem-se de fatos ocorridos em carnavais de que tenham participado. Anotem tudo e organizem os dados que todo o grupo coletou.

Produção de texto

Em grupos utilizando os dados obtidos na pesquisa, redijam, sob a orientação do/a professor/a, para um jornal da classe um texto sobre fatos pitorescos do carnaval de seu bairro ou de sua cidade.

A atividade que precede à produção de texto é bastante significativa no que diz respeito ao trabalho em grupo e também à pesquisa: os alunos coletariam dados sobre os carnavais mais antigos, a fim de organizar os acontecimentos concretos. A situação de grupo faz com que o educando encontre condições de participação social, assim adquira, através do tema de estudo, informação da realidade capaz de lhe dar visão objetiva dos fatos. Com isso, favorece a cooperação, desenvolve a capacidade de ouvir o outro, de falar para e com o outro, como também de discordar num processo de interação.

No tocante a sua atitude em face ao exercício, possibilita ao aluno um canal de comunicação, cuja responsabilidade da ação está determinada por

todos e também por cada um, promovendo o amadurecimento pessoal e social, vez que exige do estudante a participação progressiva e consciente de sua atuação junto aos amigos de sala. Essa atividade está interligada com a produção de texto solicitada em seguida.

A proposta de redação viria a partir de dados arrecadados da pesquisa em que, os alunos escreveriam para um jornal da classe. Faz entender que os autores do LD tenham uma pressuposição altamente divulgada de que o professor tenha já organizado um jornal e saiba trabalhar com os textos ali constantes. O reagrupamento estratégico de fatos coletados tem a ver com os dois textos principais constituídos no LD, os quais trazem matérias publicadas em jornais. No primeiro texto, o personagem conta de forma poética a sua experiência com o carnaval em sua infância; já o segundo relata o que aconteceu no carnaval recentemente. Na proposta do LD, percebe-se a ligação desses dois textos, em que os autores do manual didático seguem, então, os moldes constituídos nos textos anteriores: o resgate do carnaval de uma época passada, escrevendo em forma de reportagem.

O trabalho com jornal torna-se apropriado, à medida que aproxima os estudantes aos assuntos que se dão a um determinado momento histórico-social, como também caracteriza uma dinâmica, a qual instiga os alunos a formar opiniões a respeito do tema em questão. Os estudantes processariam as informações e o entendimento dos mecanismos que lhes são próprios através dessa atividade diferenciada, contudo, apresentariam (por que não dizer) uma reprodução, retratando algo que aconteceu a outras pessoas. Apenas através da frase *“lembre-se de fatos ocorridos em carnavais de que tenham participado.”*, pode-se ter a inclusão das experiências do estudante no texto que irá escrever. Deve-se levar em conta que nem todos os alunos têm conhecimento prévio sobre carnaval. Há aqueles cuja religião não permite o envolvimento de pessoas nessa manifestação cultural. Isso não quer dizer que o aluno desconheça o assunto; no entanto, não faz parte de suas experiências, o que torna inerentemente ilógico ao aluno escrever sobre algo que não sabe. As experiências não consistem em estabelecer uma ponte entre a realidade e o ensino formal, pois a temática vem generalizada e pronta.

A maneira como a temática é veiculada no livro, desde o início até o final da unidade, faz entender que existe uma preocupação gradativa em relação ao conteúdo, possibilitando a construção e a interpretação de novos conhecimentos. Pode-se perceber isso, também, nas atividades diferenciadas, as quais possibilitam o trabalho com jornais e em grupos. E, ao prender-se ao ensino da estrutura do texto, segue os modelos de textos inseridos na unidade.

O manual didático, dentre as suas assertivas, não rompe com o ensino e as antiquadas fixações clássicas: narração, descrição e dissertação, as

quais dominam o estudo da escrita. Deixa evidente que a organização em relação à forma supera as condições de reflexões no processo de construção de conhecimento.

O retrocesso proclama o caráter paradigmático de ensino, visto que o professor, por outro lado, se justifica por ter como meta cumprir os programas vinculados no LD, e, mesmo assim, dificilmente chega a terminá-lo por completo. Pode-se entender, então, que o professor construiu sua metodologia dentro de suas reais condições de trabalho. Esse fato implica uma atitude aligeirada de aprendizagem, sem sedimentação apropriada, pois releva o fato de terem sido relegadas algumas atividades, mesmo que elas viessem a determinar as regras que controlariam a estrutura de um texto.

O conteúdo de ensino está todo no LD. Este é o canal de comunicação e de acúmulo de informações, o qual não estabelece espaço a uma aprendizagem que assegure uma compreensão extensa sobre os conteúdos convencionalmente pontuados como tal, nem, tampouco, métodos que desenvolvam um trabalho no contexto real de sala de aula, buscando integrar um conteúdo baseado em interpretações e rediscussões do conhecimento. É preciso que o estudante chegue a um nível maior de reflexão em torno das teorias, das normas e dos procedimentos que submetem às práticas cotidianas e, com a utilização do LD, o entendimento é substituído pelo automatismo, porque, na realidade, saber usar o material didático é saber reter na memória o conservadorismo e a homogeneidade, no tocante àquilo que se refere ao significado.

A definição adotada ao ensino da escrita se explica pela constante fixação da estrutura, não que esta seja menos importante na aprendizagem, pois se sabe que o seu uso dá suporte para a organização das idéias; porém, se não fosse tão direta e uniforme como base a definir um termo de outro. Diante desse fato, professor e alunos negam a sua realidade em função daquela veiculada no LD, não enfatizando a variedade de pontos de vista, bem como a diversidade e maneiras de ler e escrever, impedindo a interação no ensino.

De fundamental importância são os entretenimentos, os debates, as discussões compartilhadas de atitudes, sentimentos e crenças resgatados na socialização e na dinâmica interativa que caracteriza a função construtiva da aquisição do conhecimento, especialmente no que concerne ao diálogo existente entre os componentes da interação professor-aluno. Acredita-se que os autores do LD parecem não ter a consciência e nem tampouco as experiências obtidas em fatos dessa dimensão, caso contrário, sendo os principais orientadores do processo de ensino-aprendizagem, assumiriam a valorização social em suas ações didáticas. Para realizar uma comunicação diária normal, o ensino do LD tem que partir da diferença e interdependência existentes nas mais variadas formas de conhecimento

para conseguir um pensamento que esteja de acordo com os novos desafios e problemas do mundo fora da instituição.

Ao analisar a influência do LD nas aulas de produção de texto, percebe-se que os manuais de língua portuguesa de 5ª a 8ª séries, de maneira geral, orientam um trabalho com a escrita de forma linear, reduzindo a aprendizagem do aluno ao mero reconhecimento das estruturas de um texto, bem como empregá-los durante todo o processo de ensino. Em decorrência destes fatos, o estudante não chega a atingir um nível de entendimento necessário e suficiente para uma duradoura absorção da escrita, pois o impede de originalidade e atitude crítica em relação a um determinado assunto e à sua exposição.

O LD ressoa também em não ter a preocupação de ajudar o professor a pactuar discussões em torno do tema, com o propósito de instigar os alunos a falar de suas opiniões, como também as atividades não oferecem oportunidades para um real aproveitamento da aprendizagem, permitindo ao estudante desenvolver sua expressão oral. O manual não leva o professor a nenhuma alteração de sua prática docente tradicional; ao contrário, através do encadeamento seqüencial dos estudos da estrutura do texto, confirma-se a predição de que o ensino é moldado pelo sistema.

Padronizado de teorias e aplicações conceituais, o aprendizado da escrita ocorre sem os alunos terem contato com diferentes tipos e gêneros de textos, sem conhecerem pontos de vista divergentes daqueles apresentados no LD, representado pelo professor. Nessa perspectiva, o ensino da língua materna vincula-se a uma metodologia conservadora, da qual dependem as condições sócio-econômicas impostas pela instituição.

A fim de tentar contribuir para o estudo crítico sobre o LD de língua materna, e o professor durante aulas de produção de texto, a análise levantada fez crer que o docente necessita questionar e refletir mais sobre seu material de trabalho, caminhando para uma integração entre a eficiência e o processo de ensino-aprendizagem da escrita. Partindo, então, da premissa de que a escola é o lugar para a aquisição do conhecimento regularmente organizado, debate-se, aqui, um problema entre a abordagem a ser desenvolvida e a elaboração de textos escritos.

Referências

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 5ª a 8ª séries*. Brasília: SEF, 1998.

----- *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: 1º e 2º ciclos*. Brasília: SEF, 1997.

- CARMAGNANI, Anna Maria G. A concepção de professor e de aluno no livro didático e o ensino de redação em LM e LE. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). *Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro Didático*. Campinas: Pontes, 1999, p.127-133.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes, 1999.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Linguagem Nova: Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 2002.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de Passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras – ALB, 1996.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. 5 ed. Campinas: Pontes, 1997.
- MESERANI, S. *O intertexto escolar: sobre leitura, aula e redação*. São Paulo: Cortez, 1995.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Criticidade e leitura: ensaios*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- SOUZA, Deusa Maria de. Gestos de censura. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (Org.). *Interpretação, autoria e legitimação do livro didático*. Campinas: Pontes, 1999, p.57-64.